

Livros e saber prático de um arquitecto do século XVII: a biblioteca de Fr. João Turriano e o mosteiro novo de Santa Clara em Coimbra

Susana Matos Abreu *

ABSTRACT: In the XVIIth century, the Portuguese architecture received a great contribution from a self-taught group of experimented professionals. In this context, some books from de library of the architect Fr. João Turriano are a considerable document to clarify the importance of the artistic literature in the learning process of building at time.

Thus, this paper is the result of a recent study into how hand-notes taken down by Fr. João were on the basis of his project for Santa Clara-a-Nova monastery (1647), in Coimbra. We hope these pages may suggest any future research on those minor architects who, such as Turriano did, greatly contributed to the Portuguese artistic scene after 1640's.

803

Um dos períodos mais obscuros da arquitectura portuguesa é, sem dúvida, aquele que parte das emblemáticas obras da governação dos Filipes e que culmina na solidificação do governo dos Braganças sob a pujança edilícia de D. João V, tendo passado pela Restauração do domínio português e sequente crise construtiva. A progressiva barroquização das formas a que se assiste durante este período ver-se-à selada, no seu termo, com o cunho internacional do grande empreendimento de Mafra.

Neste desenvolvimento será decisiva a necessidade de afirmação pública da nova dinastia reinante após 1640 segundo um qualquer programa construtivo¹. Este, ora cindido em pluralismos pela multiplicidade das figu-

* *Mestre em História de Arte pela Faculdade de Letras do Porto.*

¹ Apesar de algumas opiniões declararem a ausência de uma linha artístico-cultural no período em análise. PEREIRA, José Fernandes – *Arquitectura barroca em Portugal*. 2ª edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação, 1992. ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – *Polivalência e contradição: Tradição seiscentista. O Barroco e a inclusão de sistemas ecléticos no século XVIII. A segunda geração de arquitectos*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1990. Tese de Doutoramento, policopiada.

Para opinião contrária, que o autor fundamenta sobretudo com o retorno à planta centralizada, Vd. GOMES, Paulo Varela – *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no Século XVIII: a Planta Centralizada*. 1ª edição. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2001.

ras que se sucedem em protagonismo, ora eivado de circunstancialismos económicos pelo esforço da Restauração, terá obedecido, como se torna imperativo, à procura de um figurino estético diferente. Em todo o caso, os resultados não terão sido alheios ao exercício da Arquitectura militar no processo formativo dos seus arquitectos – ao que a sucessão das formas artísticas nos vinha já habituando desde o reinado de D. Manuel² –, num país em tempo de longa guerra com a Espanha e territórios Além-mar no Brasil e Angola.

A par da principal linha estética - exuberante, porque do aurífero patrocínio régio, e rica, porque preconizada por criativos da envergadura de um João Antunes -, revela-se uma outra, de velocidade lenta e muitas vezes confundida com ensaios da primeira, que transmuda o estático maneirismo praticado entre nós em arquitecturas de agitada decoração epidérmica. A estas, apesar dos acentuados localismos, cabe centrá-las no contexto do Barroco italiano como suas derivantes "coloniais".

Bastante menos se tem procurado conhecer sobre as arquitecturas desta segunda linha, talvez porque nascidas do utilitarismo que as domesticam, ou porque a escassez de recursos e menor necessidade dos encomendantes não tornam apelativas. O certo é que são estas que marcam em qualidade e em quantidade a produção corrente do século XVII, o que por si só justifica empenhos na sua exploração. Muitas vezes praticadas no refego das casas de observância religiosa, estes locais tornam-se alfofre de projectistas autodidactas que a Ordem ou Companhia a que pertencem tomam ao serviço. Neste exercício apaniguado revelam-se muitos dos arquitectos cuja acção construtiva vem marcar duradouramente a arquitectura do seu tempo. Não esqueçamos que a imagem pública que conferem às Casas para as quais trabalham, em época nervosa de aristocracia instável, detêm importância modelar.

Note-se a formação arquitectónica que receberiam os protagonistas nacionais nas aulas do Paço da Ribeira (fundada em 1594) e de Fortificação e Arquitectura militar (criada em 1647)³. Estes alunos são os que têm contacto com os melhores mestres, muitos dos quais estrangeiros que terão acabado por se fixar entre nós. Além da sua árdua formação prá-

² KUBLER, George – *Portuguese Plain Architecture between spices and diamonds, 1521-1706*. Harmondsworth: 1972. ; MOREIRA, Rafael – A arquitectura militar do Renascimento em Portugal *in* A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica. Coimbra: 1981. Actas.

³ Sobre este assunto, vd. BONIFÁCIO, *Op. cit.*, p. 77 *ess.*

tica, assentando "praça" e acompanhando os mestres aos estaleiros, para quem traçavam riscos, recebem ainda formação teórica, em grande parte baseada na leitura e comentário dos tratados de arquitectura.

No caso daqueles que se aplicam em adquirir tais conhecimentos sem que para tal passassem os muros das academias, mirar a produção europeia através das gravuras dos livros ou dos textos tratadísticos significaria receber uma parcela da melhor formação possível. É assim que se pronuncia, por duas vias distintas – academias ou autodidactismo –, o papel formativo essencial dessa literatura, num país tão periférico quanto o nosso relativamente àqueles movimentos artísticos que se procurava compreender e acompanhar. Das personagens actuaes sem frequência dos cursos oficiais, e sobreviventes às mudanças administrativas decorrentes da Restauração que os colocam nas rédeas de empreendimentos régios, nunca será demasiado vincar os seus esforços em promulgar, na modéstia dos recursos financeiros da Coroa, uma nova tendência estética da arquitectura portuguesa. Cunhada para obliterar as realizações filipinas, por um lado, mas certamente também por questões de gosto, esta prática deverá, em muito, a explicação dos seus resultados à literatura artística em circulação no momento.

Fr. João Turriano

É neste enquadramento que vemos desenhar-se a plurifacetada actividade do arquitecto João Turriano⁴.

Nascido em 1610 e comungando do hábito dos beneditinos desde 1629, a actividade de João Turriano estendeu-se até à data da sua morte, em 1679. Sempre ao serviço da sua Ordem, esta cedeu-lhe honras de sepultura na capela-mor do Mosteiro de S. Bento da Saúde, em Lisboa. O confim da sua actividade à grande família beneditina poderia ter-se dado naturalmente, não fora a invulgar circunstância de Fr. João ser filho do italiano Leonardo Torriani, um dos mais importantes engenheiros militares no panorama internacional da época, homem "*muyto aceito, e estimado por sua pessoa, e Arte de Architectura, não somente deste grande Principe [Filipe II], mas ainda de seu filho Philippe III*"⁵. A longa tradição portu-
gue-

⁴ Para os dados biográficos de Turriano seguimos VITERBO, Sousa – *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portuguezes ou a serviço de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1922. Vol. 3.

⁵ *Vidas dos Monges que tem fallecido neste convento de Coimbra*, Apud VITERBO, *Op. cit.*, pp. 146-147.

sa de herança dos cargos públicos justificaria que, à morte de seu pai e não obstante o seu regime de observância, Fr. João viesse a receber das mãos de D. João IV o cargo de engenheiro-mor do Reino⁶.

É assim que, por aparente inerência de funções, Fr. João se aplicará numa *praxis* sincrética, aliando ao seu mérito de traçador de casas religiosas os conhecimentos acumulados em treze anos ao serviço da fortificação do reino. Nesta actividade contam-se trabalhos na fortaleza de Cabeça Seca (já iniciada por seu pai) e no forte de Matosinhos.

A *Lista de Artistas* de Fr. Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva), coligida e publicada no *Diccionário* de Sousa Viterbo, é a fonte mais acessível para o conhecimento da formação e actividade de Fr. João Turriano⁷. Nela, são-lhe atribuídas inúmeras obras de arquitectura, entre as quais se contam os desenhos das capelas-mór das Sés de Viseu e Leiria, o risco da igreja nova de Santo Tirso, e ainda obras várias no mosteiro de Alcobaça⁸. Todas estas empresas continuam à míngua de estudo que as confirme e precise na actividade do seu presumível autor⁹. Seguindo Fr. Francisco de S. Luiz, perfila-se também a construção de um rol estimável de dormitórios para casas monásticas, especialização que parece enunciar, na matriz, obra bem sucedida: contam-se dormitórios novos para os mosteiros de Santa Maria de Alcobaça, das Inglesinhas e da Estrela (ambos em Lisboa), de Odivelas, de Travanca e de Semide (casa para a qual terá igualmente desenhado as hospedarias). Ainda que esta acção construtiva beneficie sobretudo a família beneditina, aquela comungará da experiência ímpar que foi a traça do mosteiro de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, para a

⁶ Também o seu irmão Diogo seria igualmente despachado neste cargo em 1631. VITERBO, *Op. cit.*, p. 143-144.

⁷ Id., *ibidem*, pp.146-147.

⁸ O mesmo autor refere um desenho para "o mosteiro de Lisboa" que, à falta de melhor informação, entendemos ser o de S. Bento da Saúde. Vd. Fr. Francisco de S. Luiz, *apud* VITERBO, *Op. cit.*, p. 144-145.

⁹ É pouco provável que a capela-mor da Sé de Leiria seja do risco de Fr. João Turriano. A cronologia das obras de talha que a vieram enriquecer - o retábulo-mor terá sido erguido entre 1605-1615 e o cadeiral assente entre 1616-1623 - torna improvável que o arquitecto, nascido em 1610, tenha sido o autor daquele invólucro arquitectónico (SANTOS, Reynaldo dos - *História da Arte em Portugal*. Porto: Portucalense Editora, S.A.R.L., 1953, vol. III, pp. 43-45). Quanto à obra de Viseu, verifica-se que os esforços construtivos de vulto de que esta Sé terá sido alvo no século XVII se resumem à erecção da fachada (1640), atribuída a João Moreno de Salamanca, e ao aumento espacial da capela-mor a que o bispo D. João de Melo (1673-1684) terá procedido entre 1677 e 1680, e rematado com a pintura da abóbada com grotescos e a substituição do políptico gótico por uma estrutura retabular de sabor maneirista. É provável que seja esta obra de ampliação a que se deve a Turriano. Estes dois exemplos (entre outros possíveis) chegam para mostrar que todas as dúvidas persistem em relação à actividade de Fr. João, e que só estudos incisivos sobre as suas obras poderão dissolver.

Ordem Segunda de S. Francisco, tanto do ponto de vista urbanístico como da sua organização espacial utilitária.

Sobre a formação teórica de Fr. João Turriano, pouco se sabe. Fica repartida entre a notícia dos estudos que teria feito no seio da própria Congregação beneditina (tendo nestes sido aluno distinto "*com louvor*" e merecido a nomeação de "*passante*") e a insinuação de que seria refém permanente de práticas autodidactas, pois Fr. Francisco de S. Luiz mostra-o "*sempre ocupado nos estudos do desenho, de obras de architectura, a que se inclinavam os papeis de seu pae*"¹⁰.

Se da primeira notícia fica por saber se o teor das matérias estudadas lhe daria preparação elementar para o entendimento de traças, da segunda afirma-se ingerência do desconhecimento de tais papeis que lhe terão cabido em herança. Fica, no entanto, a certeza da sua boa formação nas ciências da matemática e geometria, pois foi lente da cadeira de Matemática na Universidade de Coimbra por vários anos.

Não sabemos que conhecimentos João terá directamente recebido do seu pai, Leonardo Torriani (Cremona, 1560)¹¹, o qual teria, certamente, muito a ensinar-lhe. Apesar de se ignorar que estudos terá feito Leonardo, é significativo que já servisse o imperador Rodolfo II como engenheiro militar quando em 1582 foi chamado à Península Ibérica por Filipe II a fim de se empregar ao seu serviço nessa mesma qualidade. A sua presença na corte espanhola explicava-se pela urgência em proteger as ilhas Canárias da cobiça norte-europeia, porque situadas no caminho do Atlântico Sul e das rotas da Índia e das Américas. É assim que, após período probatório em que traçou o molhe e o torreão no porto da ilha de Palma, Torriani foi encarregue de reorganizar o sistema defensivo de todo o arquipélago, iniciando uma permanência local de seis anos. Durante esta estada, redige três memoriais que faz chegar à Corte, entre os quais se destaca a *Descrição e História do Reino das Ilhas Canárias antes ditas Afortunadas Com o parecer das suas fortificações*, que aqui inicia mas que só terá concluído em 1594¹².

¹⁰ VITERBO, *Op. cit.*, p. 144.

¹¹ Id., *Ibidem*, pp. 145-148. Sobre a actividade de Leonardo Turriano ao serviço de Espanha, vd. sobretudo TORRIANI, Leonardo – *Descrição e História do Reino das Ilhas Canárias antes ditas Afortunadas Com o parecer das suas fortificações*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999. Introdução, leitura paleográfica e notas de José Manuel Azevedo e Silva.

¹² Os outros dois são: *Discurso da Fortificação da ilha da Palma; Informação do porto de Tazacorte da ilha da Palma e Da quantidade de materiais e valor da fortaleza da Caldeireta* (cujá torre Leonardo terá projectado mas não chegou a construir-se). Além destas obras escritas, há a acrescentar: *Memórias, Discursos, Pareceres e outras informações avulsas das Canárias* (enviadas ao rei, a partir

O seu regresso definitivo à Península (entremeado de missões várias às praças de Otão, Cartagena e Berberia) deu-se por ordem régia de 1596, que o transfere para Portugal a fim de dirigir as obras do castelo de Viana. A partir desta data, a vida de Torriani decorrerá em Portugal (com deslocações efémeras à Galiza, a Castela ou a Andaluzia em desempenho de missões específicas), cimentada pelas suas segundas núpcias com a portuguesa D. Maria Manuel da Cunha Faria, mãe de João.

Nomeado engenheiro-mor do reino de Portugal em 1598, Torriani desempenharia este cargo por 30 anos, tempo durante o qual reformularia a defesa da barra do Tejo, erguendo as Fortalezas de São Julião da Barra e de São Lourenço da Cabeça Seca, vulgo Torre do Bugio. Projectou ainda a dragagem do estuário desta cidade, ambiciosa realização para a qual chegou a desenhar uma máquina. Seus são ainda estudos vários para o abastecimento de água da cidade de Lisboa, além de outros importantes trabalhos de arquitectura civil na mesma cidade, entre os quais avulta a igreja de São Vicente de Fora.

É plausível que Fr. João Turriano tenha beneficiado do convívio paterno na sua educação, pois os seus dados biográficos indiciam que só após a morte de seu pai (1628) se terá recolhido ao mosteiro de Lisboa. Tal justificaria, se fosse possível provar-se, um aprendizado de pai para filho, corrente em Portugal e suficiente para a acreditação profissional, mesmo quando era possível a frequência da Aula do Paço da Ribeira. Contudo, apenas podemos provar que, e de forma indirecta, João terá bebido da fonte comum dos ensinamentos de que partilharia a vasta cultura de Leonardo, ao herdar (parte?) da sua biblioteca.

José Manuel Azevedo e Silva, na tentativa de averiguação das fontes de Torriani para a elaboração da sua *Descrição e História do Reino das Ilhas Canárias* (o belíssimo manuscrito aguarelado a que já fizemos referência¹³ e, sem dúvida, o mais vistoso códice que terá pertencido a Fr. João por herança paterna), realça a vasta cultura humanista do autor. Refere-o ainda enquanto homem de ciência e intelectual do seu tempo, o do Humanismo

deste Arquipélago, à medida que iam sendo redigidas); *Parecer sobre a navegação do rio Guadalete e Guadalquivir* (1624); *Discurso de Leonardo Turriano sobre el Fuerte de San Lourenço de Cabeçaceca, empeçado en la boca del Taxo, en arenal en frente del Castillo de San Julian, dicho San Gian* (1608); *Discurso de Leonardo Turriano sobre limpiar la barra del Taxo y otras barras de otros rios* (1608). Teria ainda projectado escrever um *Tratado dos Vulcões*, ambição que não se sabe se terá chegado a realizar. Para mais notícias sobre estas obras, vd. TORRIANI, *Op. cit.*, pp. XVIII-XIX.

¹³ TORRIANI, *Op. cit.*, pp. III-XXX.

e Renascimento, propenso a um mosaico de saberes colhidos, em grande parte, dos clássicos¹⁴. É ainda aceite pelos especialistas de hoje – não fosse a fama de Leonardo assaz eloquente na época - que revela, ao longo daquele texto, sólidas concepções e conhecimento das teorias de estratégia militar¹⁵. Parece-nos óbvio que, além de uma *praxis* continuada, este saber lhe viria também, em boa parte, da leitura e do estudo de obras específicas na matéria. Refira-se, no entanto, que apenas Vitruvius lhe merece ser referido no texto das suas *Descrições* como tutelar de saber arquitectónico, e ainda assim escudado por Daniele Barbaro enquanto prestigiado tradutor e comentador do *De Architectura Libri Decem*.

Assim informado, como demonstra tê-lo sido – aquela referência dá-nos pistas sobre a edição de Vitruvius que o terá acompanhado na redacção das *Descrições* - estima-se que Leonardo tivesse coleccionado os volumes indispensáveis ao seu mester. Isto ter-lhe-ia sido facilitado pelas suas constantes viagens, e até pela ajuda ocasional que pudesse ter recebido de contactos mantidos em países estrangeiros, sempre que o mercado editorial peninsular não lhe fosse favorável¹⁶.

A herança de uma biblioteca: de Leonardo para João Turriano

809

Sabe-se que, por morte de Fr. João, ocorrida em 9 de Fevereiro de 1679, a sua biblioteca pessoal ficou na posse do Colégio de São Bento de Coimbra. Algumas destas obras – incluindo-se o referido códice de Torriani - passaram mais tarde (não sabemos com que critério) para a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Eram estas as notícias disponíveis sobre os "*papeis de seu pae*" de que nos fala o *Diccionario* de Sousa Viterbo mas que, infelizmente, não parecem ter merecido ao seu autor pesquisa mais aturada nas fontes documentais.

Perante o deficiente conhecimento actual sobre o destino dos volumes da antiga livraria colegial, apenas podemos assegurar que chegaram à Biblioteca Geral da Universidade vários exemplares por vias distintas. Uma delas – talvez a mais travessa –, resultou da execução do despacho minis-

¹⁴ Cf. TORRIANI, *Op. cit.*, nota 10. José Manuel Azevedo e Silva elenca os vários autores Antigos e Modernos citados por Torriani ao longo do texto em epígrafe, os quais se cifram em mais de meia centena de nomes denunciando um saber abrangente e de cunho humanístico.

¹⁵ Id, *ibidem*, pp. XV-XVI.

¹⁶ Uma denuncia à Inquisição dá a conhecer, em 1618, os laços sociais entre Torriani e um médico ausente em Florença. Cf. VITERBO, *Op. cit.*, p. 145.

terial de 24-07-1935. Por via deste, a referida Biblioteca viria a acolher o chamado *Fundo Antigo* da Biblioteca do extinto Liceu de Coimbra, fundado em 1839-1840, mais tarde chamado José Falcão, e recentemente Liceu Normal de D. João III¹⁷. Este *Fundo* resultava, e a pedido de um professor, na soma de algumas obras provenientes do Depósito das Bibliotecas das extintas Congregações Religiosas ao modesto núcleo primitivo da biblioteca do Liceu. O zelo desta súplica deu lugar a que alguns milhares de tomos dos séculos XV a XIX, bem como um valioso lote de manuscritos, fossem cedidos àquele estabelecimento de ensino em 1863, suprimindo desta forma as necessidades pedagógicas da Casa.

É mais tarde, vendo-se este *Fundo Antigo* já incorporado na Biblioteca Geral da Universidade, que melhor se avaliará o seu recheio concernente aos séculos XV a XVII. Pela publicação, em 1969, do primeiro volume do *Catálogo* desta biblioteca¹⁸, verifica-se serem estas obras maioritariamente originárias das livrarias de Santa Cruz e do Colégio de Santa Rita dos Agostinhos Descalços, embora pontuadas de outras proveniências. É assim que, entre elas, se descobre que a colecção entesoura o volume ilustrado do *De magnitudinibus, et distantis solis et lunae*, de Aristarco, apresentado por Federico Commandino em edição de 1572, o qual, em nossa opinião, terá provido do Colégio de São Bento. Neste volume, Leonardo Torriani, e mais tarde o seu filho, exararam a posse¹⁹.

Uma observação directa mais atenta deste tomo dá-nos informações que terão escapado aos critérios de elaboração do catálogo. Na verdade, o volume compõe-se não de uma, mas de três obras enfeixadas em conjunto. Para além da obra de Aristarco, apresenta-se o interessantíssimo *Due Dialoghi di M. Iacomo de' Lanteri da Paratico, bresciano; ne i quali*

¹⁷ O Liceu de Coimbra passou a chamar-se Liceu José Falcão após a Implantação República. Mais tarde, no âmbito das reformas da orgânica escolar de 1936, foi extinto a par do Liceu Júlio Henriques, para juntos darem lugar ao Liceu Normal de D. João III. É para este que terá transitado a sua antiga biblioteca.

¹⁸ BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, *Liceu Normal de D. João III: Catálogo da Biblioteca, I, secs. XV-XVII*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1969. Vd. Introdução, de Mário dos Santos Guerra e Alberto Martins de Carvalho. Este catálogo está incompleto, não abrangendo todo o Fundo Antigo do Liceu Normal de D. João III. Na BGUC existe um catálogo dactilografado dos livros que não foram contemplados neste I (e único) volume editado.

¹⁹ ARISTARCO - [...] *De magnitudinibus et distantis solis, et lunae* [...] . Pisavri: Camillo Francischino, 1572. 1 vol., il. B.G.U.C., cota 62-1-28. (Cat. nº34). Ostenta os pertences "*Leonardi Turriani*" e, acrescentado à frente com outra caligrafia, "*e de seu f.º fr. João Turriano*". Estes registam-se, infelizmente, com gralha ou deficiência de leitura paleográfica, tanto no corpo do texto do referido catálogo, como no índice: "*Leonardi Torriani e de seu f.º Fr. João Toniano*" [sic]. O volume está ainda cunhado com o carimbo da Biblioteca do Liceu Central José Falcão, de Coimbra.

s'introduce Messer Girolamo Catanio Novarese, & messer Francesco Trevisi ingegnere Veronese, con un Giouene Bresciano, à ragionare del modo di disegnare le piante delle fortezze secondo Euclide; et del modo di comporre i modelli, & torre in disegno le piante delle Città, edição veneziana data de 1557²⁰. Se excessivamente longo o título, transcrevê-lo parece-nos explicitar o conteúdo e o interesse da obra para o seu possuidor, em cujas margens do corpo de texto rabiscou algumas notas em língua italiana. Tal faz crer que se trata de obra usada por Leonardo, cunhando a certeza de que este se rodearia de manuais teóricos específicos para vencer as aspe-rezas do terreno prático.

Igualmente seu deveria ser ainda o *Discorso Delle Comete* de Mario Guiducci, dado aos prelos em Florença por Pietro Ceconcelli, em 1619²¹. Somado ao *De magnitudinibus*, ilustra-se o interesse que Leonardo votava à Astronomia, assunto que ambos versavam e que as *Descrições* patenteiam²².

Àquele manuscrito e a estes impressos junta-se agora o nosso achado de outras obras que terão pertencido a Fr. João e que localizamos de forma dispersa nas estantes da Biblioteca Joanina.

Uma delas, com assinatura autógrafa de Fr. João, trata-se do *Opus Geometricarum Quadraturae Circuli et Sectionum Coni*, do Pe. Gregorio a S.to Vincentio, obra editada em Antuérpia em 1647²³.

Outra, mais vistosa, é o famoso *L'Architettura*, de Andrea Palladio, na edição veneziana de Marco Antonio Brogiollo e com data de 1642, em cujo rosto se destaca o pertence autógrafo "*de frei João T[o/u]rriano*" [Fig. 2 e 3]²⁴.

Ainda que não fosse a firma de um nome conhecido, uma vez aberto este livro, seria difícil ficar indiferente às suas qualidades físicas, porque abundantemente castigado de notas marginais manuscritas. Estas notas

²⁰ LANTERI, Jacomo de' - *Due dialoghi [...] del modo di disegnare le piante delle fortezze [...] at del modo di comporre i modelli [...]*. Venetia: Vincenzo Valgrisi, & Baldessar Costantini, 1557. Possui a letra "F." manuscrita na sua folha de rosto e o Carimbo da Biblioteca do Liceu Central José Falcão. A propósito deste enigmático "F.", refira-se que a assinatura do nome Torriano se presta a leituras erróneas. Viterbo dá conta do facto ao verificar que, em certos documentos acerca do forte da Cabeça Seca, João aparece identificado como "*João Furriano*". VITERBO, *Op. cit.*, p. 145.

²¹ GUIDUCCI, Mario - *Discorso delle comete [...]*. Firenze: Pietro Ceconcelli, 1619. Possui o carimbo da Biblioteca do Liceu Central José Falcão, Coimbra.

²² TORRIANO, *Op. cit.*, pp. XIII-XIV.

²³ VINCENTIO, P. Gregorio a S.to - [...] *Opus geometricum quadraturae circuli et sectionum conii [...]*. Antuerpiae: Ioannem et Iacobvm Mevrsios, 1647. 1 vol., il. Tem o pertence : "*De frei João Turriano. / Custou 2600. rs.*". B.G.U.C., cota 2-24-17-4.

²⁴ PALLADIO, Andrea - *L'architettura [...] Diuisa in quattro libri [...]*. Venetia: Marc'Antonio Brogiollo, 1642. 1 vol., il. B.G.U.C., cota 2-24-3-2. Teve a cota antiga 4-22-49.

apresentam a particularidade de se estenderem para fora dos limites do folio, magnificamente preservadas graças ao engenho que levou a golpear o papel imediatamente acima e abaixo das áreas manuscritas. Tal recurso permitiu dobrar as notas sobre o texto e assim fazê-las escapar ao aparato necessário a que foi submetido todo o volume no momento em que recebeu nova encadernação. Afastada a hipótese de este procedimento singular se tratar de um restauro realizado pela Biblioteca Geral²⁵, coloca-se a possibilidade de que esta obra tenha sido reencadernada ainda em vida de Fr. João, seguindo as suas indicações precisas de forma a que se pousassem as notas, seus preciosos elementos de trabalho. Outra hipótese sugere que tal reencadernação tenha acontecido após a sua morte, uma vez reconhecida pelo frades beneditinos a mais valia em preservar o legado do seu arquitecto.

Nem o arranjo metódico das matérias versadas nos vários livros que compõem cada volume, nem qualquer coerência de ordem alfabética de títulos ou autores, dão pistas sobre o motivo e o critério com que esta e outras obras já conhecidas terão sido encadernadas em conjunto. Na verdade, tais pistas não vão além do simples facto das obras pertencerem ao mesmo leitor. Enquanto critério de integração numa biblioteca, revelar-se-ia aqui a intenção de preservar íntegro um fundo especial, cujo cuidado em relação às notas bem poderia ser expressão.

Foi através da observação destas peculiaridades físicas que viemos a concluir ser também pertença de Fr. João Turriano uma edição do *Tercero y quarto libro de architettura*, de Sebastiano Serlio, tradução castelhana de Francisco Villalpando de 1573 [Fig. 1]²⁶. Esta obra referia-se num outro catálogo editado pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, desta vez o da Secção dos Reservados²⁷, não ostentando pertence.

²⁵ De notar que esta encadernação (tal como as outras de obras de Fr. João) não tem aposto o *superlibros* da Universidade. Agradecemos ao Dr. Maia Amaral, da B.G.U.C., as preciosas pistas que nos forneceu. É sua opinião que este tipo de preservação não corresponde a trabalho desta biblioteca. Exceptua-se eventualmente o restauro verificado em algumas folhas, mas que, dada a qualidade do papel utilizado para colmatar lacunas, corresponderá a um trabalho dos primórdios do funcionamento desta Casa.

²⁶ SERLIO, Sebastiano – *Tercero y quarto libro de architettura de Sebastian Serlio [...] Traduzido de Toscano en legua Castellana, por Francisco de Villalpando [...]*. Toledo: Iuan de Ayala, 1573. O pertence está traçado. Tem a nota "custou dous millreis 2000 – rs." B.G.U.C., cota R-61-1. (Cat. nº 2245.)

²⁷ Catálogo dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, *Acta Universitatis Conimbrigensis*. Coimbra: Universidade, 1970. Vd. ainda, Catálogo dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: suplemento, *Bol. Bibl. Univ. Coimbra*, vol. 36. Coimbra: Coimbra Editora, L.da, 1981, pp. 203-252. Separata.

Ao observá-la, igualmente verificamos que sob o mesmo couro se abrigavam duas obras, tendo a de Sebastiano Serlio assumido a indexação em catálogo, porquanto a primeira. Quanto à segunda, trata-se da *Nuova inventione di fabricar fortezze* de Giovanni Battista Belici, de 1598²⁸. O desvelo com que aqui também se procuraram salvar as notas manuscritas das margens ao fio impio da guilhotina traduz um processo idêntico ao já descrito. A encadernação escolhida, igual em material, cor e feitio à da obra anterior, indica mão da mesma oficina. Sobejamente mais importantes são a qualidade da caligrafia – que cotejamos com a de João –, a disposição da mancha negra no branco das margens reclamando uma mesma estética pessoal, o critério e a pressão do traço nos sublinhados, e ainda o teor do conteúdo e o carácter das notas por quem se indagava sobre idênticas questões aquando da leitura de Andrea Palladio.

Refira-se ainda que na *Nuova inventione di fabricar fortezze* registam-se sumárias observações manuscritas em italiano, sem dúvida do punho que comentou os *Due Dialoghi*, e que pretendemos identificar de Leonardo.

Das leituras de Fr. João Turriano à obra de Santa Clara-a-Nova de Coimbra

O principal interesse no conhecimento das notas de Fr. João e da ênfase que lhe conferiremos neste pequeno estudo reside no facto de glossarem dois conhecidos tratados de arquitectura já mencionados - o III e IV Livros de Sebastiano Serlio (1537, 1540) e o *Quattro Libri dell'Architettura* de Andrea Palladio (1570) -, referências incontornáveis para a prática arquitectónica da segunda metade de Quinhentos e de todo o século XVII. Refira-se que, com certa abundância, se guardam ainda hoje obras desta natureza nas bibliotecas portuguesas²⁹. Procurámos, pois, encarar estes volumes como dois subsídios importantes, não apenas para conhecer directamente a formação de Fr. João Turriano ou para intuir sobre a obra

²⁸ BELICI, Giovan Battista – *Nuova inventione di fabricar fortezze di varie forme, in qualunqve sito* [...]. Venetia: Roberto Meietti, 1598.²⁹ SERLIO, *Op. cit.*, Lv. III, fl. VI, XII e XVI, respectivamente.

²⁹ Um rastreio dos Tratados de Arquitectura que se guardam nas bibliotecas portuguesas e o estudo do seu impacte na prática arquitectónica (sobretudo de Quinhentos) é actualmente assunto de estudo mais alargado, que será objecto da nossa Tese de Doutoramento, em preparação sob orientação do Prof. Doutor Fausto Sanches Martins, e que será apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

que lhe está atribuída, mas sobretudo para deste *fait divers* retirar achegas ao conhecimento do papel formativo dos livros na cultura arquitectónica dos intérpretes autodidactas de Seiscentos.

Em linha com as modernas pedagogias, à época já ancoradas num método histórico-filológico, Fr. João Turriano evidencia grande vontade de conhecer a arquitectura dos Antigos. Assim, o Livro III de Sebastiano Serlio, dedicado às Antiguidades, aparece estudado com minúcia. As notas abundantes de Fr. João Turriano, distribuídas por texto e gravuras, mostram-no a explorar o Panteão de Roma, os Templos de Baco e de Vesta³⁰ [Fig. 4, 5 e 6], bem como muitos outros fora de Roma apresentados por Serlio. Assim, investiga com exaustão as proporções destes edifícios, não as dos membros arquitectónicos - que essas, à data, andavam já bem divulgadas em numerosos manuais práticos³¹-, mas as das massas, dos volumes ou da composição numa determinada organização tipológica. Neste empenho autodidacta podemos adivinhar o seu esforço de síntese em harmonizar obras antigas e modernas, que coteja com a tradição construtiva portuguesa³². Respeitante aos templos antigos, por exemplo, merece-lhe reparo a explicação de "*maggior grandezza, e magnificenza*" que oferece Palladio para o facto de as colunas nascerem directamente da terra e não assentarem em pedestais³³ – aspecto que, note-se, confirmaria nas igrejas portuguesas ditas "colunárias", erectas em época não muito distante da sua.

Com prejuízo para o conhecimento das suas ideias, Fr. João mostra-se pouco crítico nas observações que faz. As suas notas às obras de Serlio e de Palladio tratam-se quase sempre de glosas interlineares que se limitam a cifrar o texto na sua língua materna e a destilar dos ornamentos do discurso as várias informações de que precisa³⁴. No entanto, a surda insistên-

³⁰ SERLIO, *Op. cit.*, Lv. III, fl. VI, XII e XVI, respectivamente.

³¹ Como por exemplo, no Livro I de Andrea Palladio, sendo de referir que Turriano não faz qualquer anotação aos desenhos das ordens ou das suas várias partes. Dir-se-ia até que, ignorando todo este capítulo, inicia a leitura directamente no Livro II. O seu interesse para com estas questões resume-se à realização da êntase tal como aparece no Tratado de Serlio (SERLIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fl. VI). Ao mesmo tempo, as medidas dos diversos tipos de intercolúnios são alvo do seu estudo intensivo num e noutra tratados.

³² Como é exemplo o comentário que faz ao Lv. IV de Serlio, fl. XXXVI: "*Regra p^a assegurar as Sacadas / das janellas, en-/grossando as pare-/des sobre q^h hão-de / estar tanto qto / for a sacada. não / se usa isto em / Portugal.*", dando igualmente conta de que "*este A. não apro-/va as janellas / de sacadas.*", o que vem em linha de contradição com a prática nacional.

³³ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fl.9.

³⁴ É patente a sua debilidade no domínio da língua italiana, tornando-se óbvio, pela tradução de certas expressões ou vocábulos que interpola ao texto impresso, que tenha lançado mão ao socorro de um dicionário. Cf. Serlio, *Op. cit.*, Lv II, fl. XIII, notas de Turriano.

cia da edição dos *Quattro Libri* de Andrea Palladio que Turriano possui - a de 1642 (não muito esmerada, sendo as gravuras, em boa parte, de qualidade sofrível) - diz-nos da sua importância ao tratar-se de uma das edições mais recentes do tratado à data em que o beneditino traçou o risco do mosteiro de Santa Clara, fundado em 1649³⁵. Na verdade, enquanto o manuseamento do tratado de Serlio revela um estudo de tipo mais académico, generalista e terminológico, pode ver-se que o volume de Palladio foi lido com a avidez de quem procurava encontrar nas suas entrelinhas uma chave para questões práticas de momento.

Cabe lembrar que, apesar da multiplicidade dos nomes que se sucederam na direcção das obras de Santa Clara por mais de doze décadas, a documentação relativa à construção do convento mostra a existência de uma "*planta Universal*" de João Turriano, como é sabido, na qual estariam definidas as posições no terreno e dimensionados todos os seus elementos constituintes. Esta planta seria, como é hábito ainda hoje em certos métodos de trabalho, progressivamente pormenorizada à medida que a construção das várias dependências avançasse³⁶.

Perseguindo os sublinhados de Turriano, é possível fazer remontar aquelas preocupações às inerentes à organização da nova casa monástica: à orientação solar da livraria, da disposição e proporções de salas nobres³⁷, à localização de bodegas, dispensas, latrinas e sua ventilação³⁸, etc. Quase todas as indicações anotadas são extraídas das informações que Palladio fornece a respeito de edifícios civis, mas que Fr. João parece saber colher selectivamente para o seu propósito na "*accomodidade e disposição dos Aposentos*"³⁹.

Algumas preocupações do frade beneditino recaem sobre a escolha do lugar de implantação e organização dos vários edifícios no terreno, exponenciando as suas potencialidades paisagísticas. É assim que se explica a

³⁵ Data de 1647 o alvará de D. João IV para mudança das religiosas de Sta. Clara para o novo assentamento. O risco de Fr. João para este convento está solidamente fundamentado pela documentação escrita. Vd., por exemplo, SILVA, Luísa Maria de Moura Rodrigues da - *A construção do novo Mosteiro de Santa Clara de Coimbra: 1647 a 1749. Da decisão à conclusão: Obras e architectos*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000. Tese de Mestrado, policopiada.

³⁶ BONIFÁCIO, *Op. cit.*, pp. 126-127. É assim que, na opinião deste autor, o claustro estava assinalado e dimensionado na planta geral, ainda que tenha sido Manuel do Couto a empreender a sua realização, particularizando a sua estrutura.

³⁷ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv. II, fl. 45.

³⁸ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv. II, Cap. III, *passim*.

³⁹ Nota marginal ao texto de Palladio (Lv.II, fl. 4).

particular atenção que dá a considerações de Palladio sobre uma habitação nobre construída em Vicenza, cuja proximidade ao rio justificou especial cuidado no arranjo da fachada, a fim de que "*gli ordini di sopra meglio godessero del bel sito dinanzi*"⁴⁰. Igualmente merecedor de grande importância lhe parece o primeiro capítulo do Livro IV, *Del sito che si deve eleggere per edificarvi i Tempij*, que indexa para maior conforto posterior na consulta do tema: "*nota os sitios / q se hão de eleger p^a os tem/plos – q hão / de ser altos, e / maiestosos com / a differensa q / aqui se aponta*".

Os seus sublinhados ao texto de Palladio (que abaixo reproduzimos), lidos em conjunto, parecem descrever a implantação da nova morada das clarissas no Monte da Esperança:

*"i Tempij, che faranno nella più nobile, & più celebre parte della Città, e lontani da' luoghi disbonesti, e sopra belle e orname piazzze, [...]. E se nella Città vi saranno colli, si eleggerà la più alta parte di quelli. Ma non vi essendo luoghi rivelati, si alzerà il piano del Tempio dal rimanente della Città, quanto sarà conveniente; e si ascenderà al Tempio per gradi, concio sia che il salire al Tempio apporti seco maggior divotione, & Maestà. Si faranno le fronti de' Tempij, che guardino sopra grandissima parte della Città; accioche paia la Religione esser posta come per custode, & protettrice de' Cittadini. Ma se si fabbricheranno Tempij fuori della Città, all'hora le fronti loro si faranno, che guardino sopra le strade publiche, ò sopra i fiumi, se appresso quelli li fabri."*⁴¹

Pelo resultado construído se verifica que, para contornar as dificuldades da implantação em Santa Clara, Fr. João ora procura os conselhos expeditos de Palladio, ora se socorre do seu engenho para emblematicamente compor – com monumentalidade régia e meios financeiros franciscanos⁴² – as fachadas da igreja e dos longos dormitórios que acompanham o curso do rio, enfrentando assim a cidade.

Se, no que respeita à funcionalidade dos edifícios verificamos que Turriano não se mostra muito interessado nas soluções das gravuras, já o

⁴⁰ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv.2, fl. 6.

⁴¹ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv. IV, Cap. I, fl. 5. Sublinhados de João Turriano.

⁴² Nas instruções para a nova construção, D. João IV deixou claro que "*se faça como convem ao serviço de nosso Senhor e não aja nisto superfluidade gastos nem despezas de que um Deus se não servir nem o aperto das guerras do tempo prezente o permitem.*" Cf. SILVA, *Op. cit.*, p.51.

mesmo não se dirá das suas naturais preocupações com a composição da referida fachada do Convento. Não fora o fulgor da tradição construtiva a que se convencionou chamar "Estilo Chão" – na obra de Santa Clara já com brilho crepuscular –, dir-se-ia que Fr. João se teria sensibilizado pelo modo recorrente como Palladio ritma as suas fachadas com pilastras (ou colunas, no caso de aquelas possuírem *loggia*), como sugerem alguns exemplos tratadísticos⁴³. O mesmo se poderia alvitrar acerca dos volumosos remates prismáticos do corpo dos dormitórios apesar de, em linha com o que já foi aqui dito, os projectar como miniaturas dos torreões que Philipppo Terzi desenhara anos antes para do Paço da Ribeira, na capital.

A sua obsessiva procura em inteirar-se das proporções, planta e alçado, de algumas das construções ilustradas tanto por Palladio como por Serlio pode entende-se com vista à sua aplicação ao projecto de um claustro. Sempre que pode, Fr. João anota as proporções de átrios, claustros, *cortili* e fóruns⁴⁴ consoante se lhe deparam no texto e nas gravuras. Tal gesto pode apreciar-se tendo em conta que a organização de todas as dependências conventuais se submete e proporciona às medidas, forma e localização desta dependência enquanto cerne da vida de clausura.

Parece-nos altamente provável, em função da análise destes livros, que Fr. João Turriano tivesse previsto o desenho sumário dos panos do claustro e ainda a articulação dos seus dois estratos. Tal hipótese decorre do interesse que mostra pelo emprego da gramática das ordens como a enunciam Palladio⁴⁵ e Serlio⁴⁶, mormente no seu correcto dimensionamento e sobreposição em estruturas porticadas⁴⁷.

Começa por dar conta, nas suas leituras, da aversão de Sebastiano Serlio à construção de arcarias sobre colunas redondas, que o autor considera "*cosa viciosa y falsa*"⁴⁸. E fá-lo por duas vezes para que não se olvide do conselho magistral: "*Aqui torna a seguir / o parecer de q Arcos / se fação sobre pi-/lares, e não sobre Colunas*", mostrando-se atento aos desajustes entre texto e gravuras. A robustez dos elementos portantes, condição essencial para Serlio (não apenas animado de razões construtivas, mas

⁴³ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv. II, fl. 16, 22, 74-76.

⁴⁴ Como por exemplo em PALLADIO, *Op. cit.*, Lv.2, fl. 24, 27, 29.

⁴⁵ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv. III, fl. 36. Vd. notas de Turriano.

⁴⁶ SERLIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fls. XXX, XXXI, XXXIII. Vd. comentários de Turriano.

⁴⁷ Um interesse que se patenteia também no estudo das construções dos antigos (Palladio, Lv. III, *Delle Piazza de i Greci*, Cap. XVII, fol. 30; *Delle Piazzes de Latini*, Cap. XVIII, fl. 33; *Delle basiliche antiche*, Cap. XIX, fl. 36). Vd. sublinhados e glosas de Turriano.

⁴⁸ SERLIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fls. XXX, XXXII.

de verdade arquitectónica), torna-se num axioma, que bem poderia ser ilustrado pela construção no claustro de Coimbra, de solidez filiada no exercício da arquitectura militar. Apesar disto, as questões técnicas da construção inscrevem-se na última linha das preocupações de Turriano na sua consulta à tratadística. Aliás, aparte uma nota perdida sobre os gatos metálicos a cravar na pedra dos suportes de um claustro e o seu tratamento "*p^a o ferro não / criar ferrugem / nas paredes*"⁴⁹, apenas lhe encontramos uma outra, e de interesse lógico, referente ao correcto dimensionamento do sistema em arcaria de pontes: "*os pegões dos Arcos / das pontes nam serão / mais delgados q a sesta / pe do vão do Arco, nem / mais espessos q a quarta / pe*"⁵⁰. Já agora, quem sabe se não estaria a pensar nos ciclópicos "*pilastrones*" do piso térreo do claustro...

E "*se arcos queremos hazer, ha de ser sobre Pilastrones quadrados. Y demas de esto sobreponer o arrimar a ellos las columnas redondas para mas ornato*"⁵¹. Esta é uma recomendação tecida por Serlio a propósito do desenho de porticados, com ilustração respectiva na página seguinte⁵², e que revela tratar-se, afinal, do esquema compositivo da solução que viria a ser mais tarde adoptada no claustro de Santa Clara [Fig. 7]. Deste, o primeiro estrato constitui-se por arcos assentes em grossos pilares quadrangulares, separados entre si por panos cegos ostentando duplas colunas dóricas isentas, um conjunto encimado por um alto friso dórico sem qualquer ornamentação. No segundo piso, o alçado anima-se de vãos rectangulares intercalados por edículas escoltadas por colunas jónicas que prolongam a ordem inferior, abrigadas estas sob frontão triangular. Uma graciosa balaustrada corre ainda a todo o perímetro do claustro, ritmada por pirâmides embasadas em plintos assentes na linha do fuste das colunas dos panos murais⁵³. Para lá desta descrição movimentada, a verdade é que o estilo severo da ossatura desta dependência conventual bem poderia ter sido colhida das gravuras de Sebastiano Serlio [Fig. 8 e 9]⁵⁴.

⁴⁹ SERLIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fol. XXXI.

⁵⁰ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv. III, fl. 19.

⁵¹ SERLIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fl. XXX. Sublinhado de Turriano.

⁵² SERLIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fl. XXXI.

⁵³ A semelhança às gravuras de Serlio mantém-se se lembrarmos que, ao tempo da direcção da obra por Manuel do Couto, a arcada do piso inferior se fazia com aberturas entre os pilares, o que, fragilizando o conjunto, terá originado a sua ruína parcial em 1734. Cf. BONIFÁCIO, *Op. cit.*, p.119.

⁵⁴ SERLIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fl. XXXI, XXXII, LX. Cf. Também FERRÃO, Leonor - [Não] São rosas, senhor: sobre as obras do claustro (1704-1760), Monumentos, nº 18. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 2003, p.42.

Como seria de esperar, Fr. João dedica enorme atenção ao estudo dos capítulos, e no que se refere aos templos, de ambos os tratados de arquitectura, procurando primeiro conhecer bem os edifícios Antigos. Assim, absorve-se na análise dos templos dos gentios, nos comentários de Palladio a Vitruvius no capítulo III, *De Gli aspetti dei Tempj*, e no capítulo V, *Del compartimento de i Tempj*, ambos do IV Livro, facto de que as suas abundantes notas são expressão. Chega mesmo a ensaiar a classificação dos templos representados em várias gravuras destes tomos, demonstrando um esforço de assimilação da taxinomia vitruviana. Parte, depois, para o estudo dos "*Tempj moderni*", com a ligeireza natural de quem convive diariamente com as representativas sedes locais da Igreja. A este respeito é sintomático o facto de não comentar obras do seu tempo, tais como S. Pedro de Roma ou o *cortile* que Bramante projectou para envolver o *Tempietto*⁵⁵.

Nas suas leituras, sublinha a opinião de Palladio que prescreve as formas circular e quadrada como as ideais para o templo cristão – "*le più belle, e più regolare forme, e delle qualli le arte ricevono le misure*"⁵⁶. Ao empregar o verbo no tempo condicional com que indexa o assunto – "*nota + / qual seria a melhor / forma p^a os templos*" –, Turriano enfileira-se, claro está, ao lado daqueles que têm uma leitura crítica dos arquitectos-humanistas do século anterior, contaminados de paganismo platónico. O tempo é agora o da observância dos preceitos conciliares pós-tridentinos, de que resultaram as *Instruccion*es de Carlo Borromeo, difundidas no terreno sobretudo pela portentosa acção construtiva da Companhia de Jesus. Esta é uma *praxis* que influiria directamente na formação de um gosto severo privilegiador das longas axialidades, preconizado em Coimbra, já em finais de Quinhentos, pela construção da igreja do Colégio da Companhia⁵⁷. Não obstante, o assunto merece interesse a Fr. João porquanto no Livro IV de Palladio encontramos, de seu punho, uma adequada paráfrase das indicações italianas para a construção do templo circular (fl.9).

⁵⁵ Este último é a única das obras referidas cujas proporções Turriano anota, se bem que laconicamente.

⁵⁶ PALLADIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fl. 6.

⁵⁷ Cf. MARTINS, Fausto Sanches – *A Arquitectura dos primeiros colégios Jesuítas de Portugal: 1542-1759. Cronologia, artistas, espaços*. 2 vols. Porto: Faculdade de Letras, 1994. Dissertação de Doutoramento, policopiada.

Apesar de ciente do significado correcto com que Palladio emprega o termo "*basilica*" – não o de templo, mas o de edifício administrativo dos Antigos, "*domum regalem*" no dizer de Turriano⁵⁸ –, Fr. João consagra amplo estudo a estes edifícios⁵⁹. As suas abundantes notas merecem que nos debruçemos sobre os seus considerandos, tanto mais que a cristianização do sujeito que o termo "*basilica*" designa era, à data e desde há vários séculos, corrente para designar as igrejas com certo esquema de planta longitudinal.

Turriano constata, para o edifício representado na fl. 37 do Livro III do tratado de Palladio, que "*a Sua proporção / tem o comprimento / 2 quadrado*" e que "*os porticos / tem de lar/go a 3ª parte / do meyo*"⁶⁰, referência esta que, aliada aos conselhos relativos ao portal - "*Cbe giamai sia meno lungo di tre quarti della larghezza del Tempio, e non si fara piu largo della terza parte della sua lunghezza*"⁶¹ -, poderiam ter sido directamente aplicadas na planta da igreja das clarissas (desenvolvida em duplo quadrado) e sua porta principal. E o mesmo se diria de outras notas de Turriano, como a da fl. 37 do mesmo Livro IV – "*o bocel da / Capella ma/ior tem a/metade da / largura da Cap*"⁶² –, aposta à gravura que representa um edifício-caixa em cujo topo se embebem três nichos em serliana e se cobre por abóbada de canhão retalhada por caixotões quadrados. Tal esquema não pode deixar de lembrar, nos seus vocábulos e na sua sintaxe elementar, um lustroso antepassado da obra actual de Santa Clara⁶².

Ainda no que respeita aos templos modernos, intriga Fr. João Turriano o conceito vitruviano do "decoro", que Palladio evoca a propósito dos ornamentos de semelhantes edifícios⁶³. O seu entendimento, na leitura de João, pende para a sobriedade (que tempos de carestia pediam) e a solidez (a *Firmitas* !), tão evidentemente reverenciada pelos architectos e construtores portugueses⁶⁴, sobretudo os de matriz militar. É assim que Fr.

⁵⁸ PALLADIO, *Op. Cit.*, Lv. III, fl. 39.

⁵⁹ PALLADIO, *Op. Cit.*, Lv III, fl.36, gravuras fl. 37.

⁶⁰ Isto é, que foi reservado um terço da largura total do espaço central (em duplo quadrado) para a galeria porticada envolvente.

⁶¹ PALLADIO, *Op. Cit.*, Lv. IV, fl. 9. Sublinhado de Turriano.

⁶² As investigações mais recentes sobre este edifício de Coimbra mostram reservas em atribuir a totalidade da traça da igreja a Fr. João Turriano, mercê do riscos posteriores de Diogo Couto para o abobadamento e ainda de Manuel Veloso para ampliação, em profundidade, da capela-mor inicialmente prevista, a fim de acolher o retábulo com a urna da Rainha Santa.

⁶³ Palladio, Lv. IV, Cap. II, fl. 6. Vd. sublinhados e glosas de Turriano.

⁶⁴ CORREIA, José Eduardo Horta – A importância dos Colégios Universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses *in* Actas do Congresso História da Universidade de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1991, vol. II, pp. 269-290.

João consagra maior devoção ao estudo das ordens Dórica⁶⁵ e Toscana do que às outras – a segunda "*por ser mais forte e robusta*" como sublinhou⁶⁶. E é também sem surpresa que as vemos virilmente empregues em pouso tão feminino, adornado pelas donas dedicadas a Santa Clara e ao culto da Rainha Santa. Se disto encontramos exemplo flagrante na igreja, continua a apresentar-se esta qualidade no claustro, a despeito da graciosa decoração dos seus cantos boleados e do jónico adocicado, de gosto vinholesco, empregue por Mardel nos capiteis do sobreclaustro.

Apesar das influências teóricas de origem tratadística que procuramos denunciar na obra de Fr. João Turriano para Santa Clara-a-Nova de Coimbra, nela é bem eloquente a augusta tendência portuguesa de conciliação de sugestões modelares estrangeiras com a tradição construtiva e tipológica local, cimentadas pelo uso e pelo costume.

É assim que, no momento de traçar o dormitório das freiras clarissas, Fr. João utiliza um esquema de distribuição interna, ainda Quinhentista, que corria nomeadamente nas casas dos Cónego Regrantes de Santo Agostinho⁶⁷. Daqui copia a atitude emblemática de afrontar o maior alçado aos principais acessos e à paisagem, o que não deixa de se identificar com uma leitura barroca do tratado de Serlio.

De igual modo, é este mesmo irenismo, agora escudado por um rigor clássico de cunho tratadístico, que permite referenciar a obra do claustro de Coimbra ao esquema compositivo e proporcional do claustro de D. João III no Convento de Cristo, construído em Tomar muitos anos atrás. Mais ainda, e com razões de proximidade, tal referência pode ler-se no pátio do Colégio da Sapiência em Coimbra⁶⁸. Em nossa opinião, esta proximidade justifica-se pelo comum recurso inspirador às gravuras de Serlio, e não uma filiação nos esquemas palladianos, tal como aventou George

⁶⁵ Este seu interesse, iniciado na constituição e proporções das colunas, mantém-se pela repartição das métopas nos frontispícios de templo e estende-se, por fim, às "*Medidas para bum / Portal dorico e seu Ornato / a moderna*" (Serlio, Lv. IV, fl. XXXV).

⁶⁶ SERLIO, *Op. cit.*, Lv. IV, fl. VI, notas de Turriano.

⁶⁷ Sobre os modelos temporãos do esquema deste dormitório, vd. ABREU, Susana Matos – *A Docta Pietas ou a arquitectura do mosteiro de S. Salvador, também chamado Santo Agostinho da Serra (1537-1692). Conteúdos, formas, métodos conceptuais*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999. Tese de Mestrado, policopiada, pp. 95-102. Sobre a depuração do modelo de Turriano em obras posteriores, vd. BORGES, Nelson Correia – *Arte monástica em Lorrvão: sombras e realidade*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992, pp. 484-515. Tese de Doutoramento, policopiada.

⁶⁸ FERRÃO, *Op. cit.*, p. 45.

Kubler para o exemplar tomarense⁶⁹. O facto de não ser possível excluir que Vieira e Mardel citassem as mesmas fontes nas suas intervenções sucessivas de *aggiornamento* do risco do claustro franciscano reafirma a tendência nacional para fazer perdurável a influência de soluções já experimentadas e bem conseguidas, donde, por conseguinte, do mesmo figurino arquitectónico num arco temporal alargado.

Não nos admiraríamos que se viesse a descobrir, também de Fr. Turriano ou da Livraria do Colégio de S. Bento de Coimbra, o Livro V de Sebastiano Serlio numa das suas possíveis edições. Os eventuais modelos da igreja de Santa Clara estão lá e de forma bem explícita pela conjugação de motivos de Serlio (ou de Palladio) nos arcos da capela-mor e do coro, ainda pelo uso das janelas *termais*, estas divulgadas ao tempo pelos beneditinos como "imagem corporativa", e passe-se o anacronismo da expressão.

⁶⁹ KUBLER, *Op. cit.*, pp. 16-25 e pp. 85-86. Vd. ainda CORREIA, *Op. cit.*, pp. 269-290.